

O movimento de se renovar em um novo caminho é desafiador, na medida que reconhecíamos os territórios e percursos aumentava mais em potência afetiva com aquelas trajetórias.

Assim como iniciamos este artigo com um mapa, as paisagens nos levaram a novos encontros sinápticos² que possibilitaram subverter a cartografia tradicional, aqui apresentaremos uma relação entre o mapa do território por nós reconhecido com a pesquisa participante, fruto da interação entre nós e os imigrantes.

Em nosso misto de cartografia e pesquisa participante apresentaremos um “*hódos-metá*”³ da pesquisa” (KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.), 2009, p. 13) e neste misto relacional construiremos nossas impressões com imagens que nos fizeram refletir. Neste desvio metodológico as fotografias comporão com nossas reflexões as pistas que despertaram em nós aproximações com o tema, até então distante para nós.

A seguir apresentaremos o percurso afetivo reconhecido durante a realização da capacitação.



MUSEU DA IMIGRAÇÃO - No primeiro dia da Capacitação tivemos a oportunidade de conhecer o Museu da Imigração – antigo prédio da Hospedaria de

² Sinapses são estruturas especializadas que permitem a transferência de informação entre duas partes.

³ Hódos-metá, nosso reconhecimento experienciado pelo caminho e não pela meta como é comumente proposto pelas metodologias tradicionais.

Imigrantes, a qual foi inaugurada em 1887 e que se tornou, na época, o principal local de abrigo dos estrangeiros recém-chegados ao Brasil e foi cenário de expectativas, conquistas e angústias de mais de 2,5 milhões de pessoas que formaram um intenso entrelaçamento étnico entre 1887 e 1978.

Na década de 1930, a Hospedaria de Imigrantes passou a acolher também trabalhadores migrantes de outros estados brasileiros. Na década de 1970, perdeu sua função original e em 1978 recebeu pela última vez um grupo de imigrantes coreanos, pouco antes de encerrar suas atividades.



O Museu da Imigração é assim cercado de História e com muitas curiosidades, sendo que pudemos aprender um pouco mais sobre a nossa história e cultura, por intermédio dos Pesquisadores Luís Felipe Aires Magalhães – Observatório das Migrações, Tatiana Chang Waldman – Museu da Imigração e Prof. Davi Gutierrez Antonio – Centro Paula Souza.



CENTRO DE CAPACITAÇÕES – CETEC – Durante os depoimentos de suas histórias de vida pudemos sentir os dramas, as alegrias e os desafios dos refugiados que deixaram seu país natal. Nunca havíamos tido a oportunidade de interagir com um imigrante ou refugiado de forma pessoal ou mesmo refletir juntos sobre a situação do refúgio hoje e as diversas causas de refúgio.

A refugiada africana Nádia Solange Clemente Vaz Ferreira palestrou sobre “Empreendedorismo feminino africano e migração em São Paulo”, trabalho este que vem desenvolvendo com as mulheres africanas e Veronica Quispe Yujra, proferiu a palestra “Escolas multiculturais: a educação que queremos”.

Muito emocionante foi o depoimento da Lara Elizabeth Baptista Sequeira Lopes com a palestra “Estar refugiada em São Paulo”. Lara é refugiada LGBT de

Moçambique desde 2013, a qual falou sobre homossexualidade na África e a questão da perseguição a homossexuais.



MISSÃO PAZ – “Todas as pessoas que se movem estão acima de tudo em busca da felicidade” (Deyse Ventura)

A Missão Paz acolhe centenas de refugiados que chegam ao Brasil em busca de uma vida melhor. Para os que estão chegando é importantíssimo o acolhimento humanitário, sendo que o principal objetivo da Casa do Migrante é fazer com os acolhidos se sintam bem, como se fosse seu próprio lar. Hoje, 90% dos acolhidos são imigrantes e/ou solicitantes de refúgio, com ou sem documentos.

A Paróquia Nossa Senhora da Paz é ecumênica e, independente da profissão de fé, o espaço é aberto para as diversas denominações religiosas.





FESTA DA GUINÉ – Os imigrantes relataram que um dos problemas que enfrentam é a falta de espaço físico para atividades culturais. O projeto que vem sendo desenvolvido ajuda o filho do africano que nasce aqui no Brasil ou brasileiro que tem um filho africano, uma vez que oportuniza o resgate da cultura africana. Eles são muito felizes por viverem no Bairro da Liberdade, um bairro típico de imigração japonesa.

Em um reconhecer que une o presente e o passado, as marcas produzidas nos imigrantes destacamos os momentos que, entre silêncios, questionamentos e florações das subjetividades deles em nós, as *“repetições sucessivas (...) extraindo daquela marca o que ela ainda não revelara até chegar a um máximo de corporificação”* (ROLNINK, 1993, p. 10) nas falas dele e em nós.

Aquelas falas revelaram em nós possibilidades de novos contornos desta cartografia, os depoimentos certamente mudaram em todos os participantes da capacitação *“a paisagem de si e do mundo”* (ROLNIK S. , 2006, p. 02).

Os depoimentos ampliaram as possibilidades de nossas atuações na educação dando aos nossos estudantes novas articulações didáticas credíveis a realidade dos imigrantes, diferentes das comumente escolarizadas pelos livros e outros manuais que didatizam o tema, isso nos entusiasma.

Entusiasmo. en.tu.sí.as.mo. sm (gr enthousiasmós) 1 Excitação da alma quando admira excessivamente. 2 Arrebatamento. 3 Paixão viva; dedicação. 4 Alegria ruidosa. 5 Exaltação criadora que torna sublimes os poetas, os artistas e os oradores. 6 Inspiração. Antôn (acepções 1, 3 e 4): indiferença.

Acredito que as pistas deste reconhecimento, dos observares e vivencias nos distanciaram das padronizações e foram capazes de responder algumas inquietudes em nosso reconstruir dos mapas das imigrações.

Para os geógrafos, a cartografia – diferentemente do mapa: representação de um todo estático – é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. (ROLNIK S. , 2011, p. 23)

A cartografia inicial mostrou o contexto específico fatalista, nosso novo mapa afetivo deu visibilidade a outros processos de ensino-aprendizagem e mesmo que ainda estando consumidos por antigas ideias saímos do curso com novos

olhares discordando da totalidade e despertado a necessidade de verificar o todo ofertado pelos reconhecimentos.

REFERÊNCIAS

BRANDAO, C. R. PENSAR A PRÁTICA: ESCRITOS DE VIAGEM SOBRE A EDUCAÇÃO. SAO PAULO: LOYOLA, 1984.

PASSOS, EDUARDO & BENEVIDES, REGINA. POR UMA POLÍTICA DA NARRATIVIDADE. IN: PASSOS, EDUARDO; KASTRUP, VIRGÍNIA; DA ESCÓSSIA, LILIANA (ORG.). **PISTAS DO MÉTODO DA CARTOGRAFIA. PESQUISA-INTERVENÇÃO E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE. PORTO ALEGRE: SULINA, 2009.**

ROLNIK, SUELY. **PENSAMENTO, CORPO E DEVIR – UMA PERSPECTIVA ÉTICO/ESTÉTICO/POLÍTICA NO TRABALHO ACADÊMICO.** IN: CADERNO DE SUBJETIVIDADE V. 1. N. 2 – SET/FEV PUC- SP, 1993. (ROLNIK, 1993)

_____. **FLORAÇÕES DA REALIDADE. SÃO PAULO, 2006.** DISPONÍVEL EM: [HTTP://WWW4.PUCSP.BR/NUCLEODESUBJETIVIDADE/TEXTOS/SUELY/FLORACOS.PDF](http://www4.pucsp.br/nucleodesubjetividade/textos/suely/floraco.es.pdf). ACESSO EM: 10 DE JUL. DE 2010.

SANTOS, BOAVENTURA DE SOUSA. **A CRÍTICA DA RAZÃO INDOLENTE: CONTRA O DESPERDÍCIO DA EXPERIÊNCIA.**SÃO PAULO: CORTEZ, 2005.

GERALDI, C.M.G (ORG). **CARTOGRAFIA DO TRABALHO DOCENTE.** CAMPINAS/SP, MERCADO DAS LETRAS, 2000.